

“The stock market is a device for transferring money from the impatient to the patient”
(Warren Buffett)

“If investing is entertaining, if you’re having fun, you’re probably not making any money. Good investing is boring.”
(George Soros)

“Concedei-nos Senhor, serenidade necessária, para aceitar as coisas que podemos modificar, coragem para modificar aquelas que podemos e sabedoria para distinguirmos umas das outras”
(Reinhold Niebuhr)

Caro cliente da Foster,

Hoje nós gostaríamos de dividir com você como os principais fatores estruturais que estão provocando o aumento da desigualdade social impactam os seus investimentos e o seu planejamento de acumulação de riqueza.

A melhor maneira de se analisar a prosperidade de uma sociedade é olhando o ritmo de crescimento do PIB per capita ao longo de uma janela de anos. No Brasil, devemos chegar ao final de 2020 com o PIB per capita brasileiro acumulando uma queda próxima a 10% desde 2010. Colocando em perspectiva, na década de 80, conhecida como a “década perdida”, o PIB per capita brasileiro recuou 5,5%. É um fato que ficamos muito mais pobres como sociedade.

A questão é mais profunda ainda, pois acompanhar a evolução do PIB per capita é olhar a performance média da sociedade, medida estatística que pode afirmar que um indivíduo está com sua temperatura normal quando a parte de cima do seu corpo está no forno e a parte inferior no congelador. Nesta análise da nossa prosperidade como nação, o agravante da média é justamente o aumento da desigualdade social.

Essa desigualdade vem aumentando fortemente nas últimas quatro décadas. Segundos economistas especialistas no assunto, tais como o americano Robert Gordon, professor da Northwestern University nos Estados Unidos, os dois principais fatores para esse fenômeno são: (a) processo de automatização de rotinas e (b) globalização. Juntos, esses dois fatores eliminaram muitos empregos da classe média, deslocando-os para outros países em desenvolvimento e fazendo com que trabalhadores com nível médio de qualificação ofertem sua mão-de-obra em empregos que exigem menor nível de qualificação, conseqüentemente reduzindo o salário médio pago ao trabalhador.

Claro que há beneficiados, em especial aqueles que formam o seletto grupo dos 1% mais ricos da população. Nos Estados Unidos, em 1973, o salário médio de um CEO americano era o equivalente a 20 vezes o salário médio de um empregado. Em 2013, essa razão pulou para 257 vezes! No mesmo sentido, a razão do salário total dos 5 maiores executivos de uma empresa sobre o total dos salários dos demais funcionários saltou de uma razão de 5% no período entre 1993-1995 para 12,8% entre 2000-2002.

Pois bem, pouco podemos fazer para impedir essas duas forças tectônicas de se moverem. Apenas podemos entender melhor a economia mundial para uso desse conhecimento em nossos investimentos.

Além desses dois fatores, uma terceira força é o aumento da concentração do estoque de riqueza daqueles que formam o grupo dos 1% mais ricos da sociedade, em função de possuírem um portfólio de riqueza mais concentrado em ações. O Banco Central americano (Fed), publica trimestralmente uma análise da evolução da riqueza das famílias americanas e a sua composição (ações, imóveis, títulos de renda fixa, planos de aposentadoria e outros bens duráveis). O Fed presta muita atenção ao que chamamos de “efeito riqueza” e seu impacto no consumo dos americanos. Quando analisamos esses dados encontramos informações valiosíssimas que podem fazer a diferença no seu planejamento financeiro.

Os americanos que pertencem ao grupo dos 1% mais ricos possuem 41% dos estoques das suas riquezas em ações, sejam elas ações da própria companhia, stock options ou ações do empregador, ações de outras empresas listadas em bolsa ou fundos de ações. Quando avaliamos o grupo dos 10% mais ricos, essa alocação média cai para 22%. Já a classe média americana possui “apenas” 9% em ativos de renda variável. Além disso, essa maior alocação da riqueza em ações em detrimento de outros ativos como imóveis e títulos de renda fixa deste seletto grupo dos 1% mais rico sobre o resto da sociedade não para de crescer.

Como o processo de desigualdade social, da globalização e automatização gera maior concentração da riqueza produzida para as empresas do que para os trabalhadores, o grupo de pessoas que possui mais ações acaba se beneficiando muito mais em relação as demais camadas sociais pela apreciação das ações e dos dividendos recebidos.

Quando olhamos a performance do mercado acionário americano desde a Grande Crise financeira em 2008, observamos que os principais índices de ações americanos, o S&P500 e o Nasdaq, tiveram uma valorização média anual de 12,28% e 17,12% respectivamente enquanto que os salários cresceram sempre abaixo de 5% em termos nominais, mostrando como o capital se valorizou muito mais do que a mão-de-obra.

Um segundo estudo do Fed mostra que durante o pior momento da bolsa na crise de 2008-2009, os investidores pessoa física que pertenciam ao grupo dos 99% dos americanos foi o grande vendedor de ações, enquanto o grupo dos 1% mais ricos aumentou consideravelmente sua parcela em renda variável naquele momento.

Estes fatos sugerem a importância de ter uma maior parcela dos investimentos em ativos que se beneficiam de forças estruturais que não controlamos e de ter um horizonte de investimento de longo prazo para aumentar sua chance de sucesso em seu processo de acúmulo e perpetuação de riqueza. Por último, serenidade e paciência.

Um grande abraço,

Equipe Foster